

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

MARINA DA SILVA WIDHOLZER

EXPERIÊNCIAS DE ESTUDANTES DA UFRGS NO CONTEXTO DA PANDEMIA:
HISTÓRIA ORAL E DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

PORTO ALEGRE

2021

MARINA DA SILVA WIDHOLZER

**EXPERIÊNCIAS DE ESTUDANTES DA UFRGS NO CONTEXTO DA PANDEMIA:
História oral e divulgação científica**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação apresentado ao Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em História.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Carla Simone Rodeghero

PORTO ALEGRE

2021

MARINA DA SILVA WIDHOLZER

**EXPERIÊNCIAS DE ESTUDANTES DA UFRGS NO CONTEXTO DA PANDEMIA:
História oral e divulgação científica**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação apresentado ao Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em História.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Carla Simone Rodeghero

Aprovado em: 24/05/2021

Conceito: A

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Carla Simone Rodeghero – Departamento de História (UFRGS)

Prof^a. Dr^a. Caroline Silveira Bauer - Departamento de História (UFRGS)

Prof^a. Dr^a. Méri Frotscher - Departamento de História (UNIOESTE)

AGRADECIMENTOS

Estou muito feliz por ter chegado até aqui.

Entrei na UFRGS em 2015 cheia de esperanças que foram se esvaindo. Felizmente, em 2017 ingressei no curso de História e recuperei o fôlego depois de um período bastante conturbado. Concluir a graduação definitivamente está na lista dos momentos que mais desejei e procurei alcançar. Fico satisfeita com o meu trabalho até aqui. Procurei transmitir realidade em tudo o que fiz. Busquei produzir um conteúdo ao qual eu me identifico. Procurei ser amigável com os colegas que conheci. Procurei ser gentil com qualquer um em meu caminho.

Agradeço ao meu melhor amigo, a pessoa que me ajuda e me consola em qualquer momento que eu precisar. A pessoa que é tão parecida comigo em personalidade, objetivos, gostos e alma. Sou acolhida por ti do modo mais profundo que existe. Uma parte de mim sempre será tua. E parte do meu esforço é motivado por ti e para ti. Thiago.

Agradeço aos meus pais por terem me apoiado em todas as minhas escolhas, mesmo quando elas pareciam me levar a um caminho incerto. Passar dois anos em uma graduação e buscar um novo começo em uma área completamente diferente pode ser arriscado. E foi arriscado. Mas deu certo. Agradeço o apoio por, quando eu preciso madrugar, sempre me motivarem a não desistir. Obrigada por me manterem acordada. Milene e Ricardo.

Agradeço a minha irmã felina (sim) por passar 19 anos aquecendo o meu colo. Certamente tu és o ser com quem passei mais tempo abraçada. Obrigada por existir. Viva mais 19, por favor, minha amorinha. Mina

Agradeço a minha grande amiga, que está mais para irmã, e que demonstra compaixão e carinho por mim como se nos conhecêssemos desde 1996. É como se eu não fosse filha única. Seguimos firmes e fortes. Bruna

Agradeço a minha orientadora, que é uma pessoa muito atenciosa e gentil. Obrigada por me guiar nestes meses. Carla

Agradeço a todos que cruzaram o meu caminho de forma positiva em algum momento. Cada pequena felicidade é combustível para que eu não desista. Meu tanque mesmo quando cheio tem a tendência a esvaziar muito rápido. Cada um de vocês que repõem diariamente o meu combustível com amor e gentileza fazem parte desta conquista. E que venha o diploma!

RESUMO

Este trabalho intersecciona conhecimentos das áreas de história oral, história pública e história digital para fins de produção de material de divulgação científica do *projeto Documentando a Experiência da Covid-19 no Rio Grande do Sul* em plataformas digitais. O texto escrito visa refletir sobre a produção de cinco vídeos contendo trechos de entrevistas concedidas por alunos de baixa renda da UFRGS. Os eixos temáticos dos vídeos abordaram os impactos econômicos e psicológicos sofridos ao longo da pandemia da Covid-19, o quanto esses impactos atingem os hábitos de leitura e estudos dos alunos e como o contexto tem sido enfrentado por dois estudantes indígenas e um estrangeiro. Os vídeos foram publicados no site do Repositório de Entrevistas de História Oral (REPHO/UFRGS), no seu canal no Youtube e nas suas redes sociais. Além de produzir material de divulgação utilizando fontes orais e refletir sobre esse processo, o trabalho busca trazer visibilidade aos relatos de alunos pertencentes aos grupos vulnerabilizados no quadro da pandemia.

Palavras-chave: Covid 19. História oral digital. História pública. UFRGS. Divulgação científica. Baixa renda. Escrita audiovisual.

ABSTRACT

This paper intersects knowledge in the areas of oral history, public history and digital history for the purpose of producing scientific dissemination material for the project *Documentando a Experiência da Covid-19 no Rio Grande do Sul* on digital platforms. The text aims to reflect on the production of five videos containing excerpts from interviews given by low-income students from UFRGS. The thematic axes of the videos addressed the economic and psychological impacts suffered during the Covid-19 pandemic, how much these impacts affect students' reading and study habits, and how the context has been faced by two indigenous students and one foreigner. The videos were published on the Oral History Interviews Repository website (REPHO/UFRGS), on its Youtube channel and on its social networks. In addition to producing publicity material using oral sources and reflecting on this process, the work aims to bring visibility to the reports of students belonging to vulnerable groups in the context of the pandemic.

Keywords: Covid 19. Oral history. Digital history. Public history. UFRGS. Scientific divulgation. Scientific disclosure. Low income. Audiovisual writing.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

IFPH	International Federation for Public History
MuDI	Museu Diários do Isolamento
NPH	Núcleo de Pesquisa em História da UFRGS
NUHPAM	Núcleo de História Pública da Amazônia
REPHO	Repositório de História Oral da UFRGS
UFPel	Universidade Federal de Pelotas

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 A HISTÓRIA ORAL DIGITAL	18
1.1 O Mapa de História Pública sobre a Covid-19	18
1.2 Ferramentas da história oral digital.....	19
1.3 A divulgação de fontes orais.....	23
2 CONFEÇÃO DE MATERIAL DE DIVULGAÇÃO A PARTIR DO PROJETO DOCUMENTANDO A EXPERIÊNCIA DA COVID-19 NO RIO GRANDE DO SUL..	27
2.1 O uso de fontes orais na confecção de material para divulgação científica.....	27
2.2 Escolha das entrevistas a serem utilizadas.....	29
2.3 Escolha dos eixos temáticos dos vídeos	30
2.4 A edição dos vídeos	33
2.5 A divulgação dos vídeos	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
FONTES	39
REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS	41

INTRODUÇÃO

A ideia para este Trabalho de Conclusão de Curso surgiu pela junção de duas oportunidades que me foram proporcionadas ao longo dos últimos semestres do curso de História. A primeira consiste na minha bolsa de Iniciação à Popularização da Ciência, que tem como foco o estudo sobre as relações entre história pública, história oral e história digital, objetivando a aproximação de um público mais amplo à produção do conhecimento acadêmico através da elaboração de materiais de divulgação científica em meio digital.

Devido à minha condição de bolsista sob orientação da prof. Carla Simone Rodeghero - aqui surge minha segunda oportunidade - passei a fazer parte da equipe do projeto interinstitucional *Documentando a Experiência da Covid-19 no Rio Grande do Sul*, que visa o recolhimento, catalogação, disponibilização e análise de registros pessoais sobre o cotidiano e a experiência subjetiva e profissional no contexto da pandemia da Covid-19 no Rio Grande do Sul.¹ A equipe do projeto relacionada à Universidade Federal do Rio Grande do Sul foi responsável pelas entrevistas com o público-alvo composto por alunos de baixa renda da UFRGS e seus familiares. Sendo parte da equipe como bolsista, realizei algumas das entrevistas junto com colegas e, logo, colaborei para a construção das fontes orais que serão utilizadas neste trabalho.

A equipe da UFRGS ficou responsável por atingir a meta de 50 entrevistas dentro do público-alvo estabelecido. A participação do público-alvo no projeto teve início com o preenchimento, em junho de 2020, espontâneo do formulário de inscrição divulgado no site e redes sociais do Repositório de Entrevistas de História Oral da UFRGS (REPHO/UFRGS), do Núcleo de Pesquisa em História da UFRGS (NPH/UFRGS) e do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFRGS (IFCH/UFRGS). Também ocorreu divulgação via e-mail pelas Comissões de Graduação da UFRGS aos seus alunos. O formulário solicitou informações de identificação pessoal como renda familiar, identificação étnico-racial, identidade de gênero, orientação sexual, faixa etária, escolaridade, se havia sido contaminado pela Covid-19 e se estava incluso no grupo de risco para que o perfil do respondente pudesse ser traçado. Também, contava com espaços de resposta dissertativa para que o respondente pudesse expressar um pouco de sua experiência nos meses de isolamento social. Após o preenchimento do formulário, a tela era direcionada para um agradecimento junto a um link em que o respondente poderia enviar materiais que fossem significativos em sua experiência no isolamento, como fotos, áudios e textos. Após encerrar o prazo de inscrições, a equipe fez a seleção de 50 inscritos

¹ Para maiores informações sobre o projeto ver: <<https://www.apers.rs.gov.br/documentando-covid19-rs>>.

utilizando o critério de abranger a maior diversidade possível entre os entrevistados, considerando os perfis traçados no formulário.

Por serem entrevistas que ocorreram em 2020, em meio à pandemia da Covid-19 e ao isolamento social, estas foram realizadas à distância, virtualmente. Para isso, os selecionados precisavam ter acesso a algum dispositivo eletrônico que permitisse a conexão à internet no momento da entrevista. Parte da equipe elaborou um tutorial para a gravação de entrevistas à distância, utilizado para auxiliar os entrevistadores e os entrevistados a lidarem com as plataformas online que possibilitam a gravação de chamadas de vídeo, como o Skype, o Zoom Cloud Meetings, o Jitsi e o Stream Yard. A maioria das entrevistas foi feita pela plataforma Zoom.

Ter o perfil do entrevistado traçado previamente é muito importante não apenas para a seleção inclusiva entre as inscrições, mas também para que o roteiro da entrevista seja adaptado para cada pessoa e suas particularidades. No caso do projeto *Documentando a Experiência da Covid-19 no Rio Grande do Sul*, o roteiro base abordou questões como a motivação do entrevistado a conceder seu depoimento, nível do seguimento dos protocolos de segurança no bairro onde reside, experiência dos alunos que estavam lidando com o Ensino Remoto Emergencial adotado pela UFRGS, se estavam recebendo algum auxílio financeiro e análise da atuação das autoridades na gestão da pandemia. Uma das entrevistas em que ocorreu uma adaptação significativa do roteiro foi a concedida por um aluno estrangeiro que estuda na UFRGS e vivencia a pandemia em um continente diferente do que a família dele reside. Neste caso foram incluídas questões a respeito desta situação.

As entrevistas realizadas pelo projeto estão alocadas no Repositório de Entrevistas de História Oral da UFRGS (REPHO) e no canal do YouTube do REPHO².

O REPHO foi criado em 2017 e é um espaço que armazena de forma pública as entrevistas realizadas pelo corpo docente e discente do Departamento de História da UFRGS em nível de graduação e pós-graduação. Até o momento estão hospedados cinco projetos nele: “Marcas da Memória: História Oral da Anistia no Brasil”, “A disciplina de EPB – estudos de problemas brasileiros na ditadura militar e civil brasileira-1970/1993: o caso da UFRGS”, “Ingresso e Permanência de Estudantes Cotistas na UFRGS”, no qual realizei, junto com uma colega, uma das entrevistas, “Origens do Bairro Restinga, entre versões, a inversão do olhar sobre a memória: uma história autocentrada no discurso do sujeito subalterno sobre o processo de ocupação da comunidade entre 1967 e 1971” e o projeto que deu origem às fontes utilizadas

² Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/repho/projetos/>>.

Disponível em: <<https://www.youtube.com/channel/UCvOZwPuyCi10IHZHOGOf7QA>>.

neste trabalho: *Documentando a experiência da Covid 19 no Rio Grande do Sul*. Para acessar o conteúdo disponibilizado no REPHO é necessário assinar o termo de responsabilidade, que aparecerá na tela, pelo uso do material.

O REPHO contribui para as áreas de história oral, história pública e história digital, pois é um espaço que permite o acesso de comunidades externas à UFRGS, incluindo o público não acadêmico, e oportuniza o compartilhamento das fontes orais.

No caso do projeto *Documentando a Experiência da Covid-19 no Rio Grande do Sul*, além do vídeo das entrevistas, estão disponíveis para consulta pública a ficha técnica, o resumo, a indexação e a transcrição parcial de cada depoimento concedido.

O uso do Oral History Metadata Synchronizer (OHMS), sistema desenvolvido por Douglas Boyd, da Universidade de Kentucky, foi bastante presente no processo de registro das entrevistas do projeto. Com uma entrevista armazenada nesse sistema, o OHMS atua como um recurso facilitador para a realização da indexação, do registro de palavras-chave e da transcrição parcial de modo que essas catalogações são feitas de forma mais rápida do que se fossem feitas sem o OHMS. Sendo assim, ele foi utilizado como ferramenta para indexar, registrar as palavras-chave e transcrever parcialmente as entrevistas do projeto, informações que posteriormente foram disponibilizadas no site do REPHO.

Deste modo, aliando o aprendizado a respeito das áreas de história pública, história oral e história digital à exploração do extenso acervo criado pelo projeto *Documentando a Experiência da Covid-19 no Rio Grande do Sul*, este trabalho gira em torno da produção de um material digital de divulgação científica a partir do uso das fontes orais produzidas no projeto como matéria bruta. Este material foi confeccionado na forma de pequenos vídeos temáticos contendo trechos impactantes de algumas entrevistas feitas pelo projeto. Ainda, a divulgação do material foi feita através da hospedagem nas redes sociais e site do REPHO. O propósito dos vídeos confeccionados é divulgar os testemunhos orais originados pelo projeto. Conseqüentemente, o projeto e o repositório que o hospeda também são divulgados nos vídeos.

Aumentar a visibilidade destas entrevistas contribui para que mais pessoas tenham conhecimento da prática da história oral, para que o REPHO seja conhecido por mais pessoas, e ainda para que a situação dificultosa dos alunos de baixa renda seja do conhecimento do maior número de pessoas possível e não permaneça em anonimato. O conjunto de entrevistas produzidas pelo projeto *Documentando a Experiência da Covid-19 no Rio Grande do Sul* tem como uma de suas utilidades ser um diagnóstico qualitativo da gestão e do amparo prestado pela UFRGS aos alunos em situação financeira precária ao longo do Ensino Remoto

Emergencial. Portanto a divulgação destes testemunhos também tem como utilidade apresentar para o público não acadêmico a situação enfrentada por estes estudantes.

Neste trabalho, além de contribuir com material de divulgação científica, refletirei sobre os desafios enfrentados ao longo da construção deste produto.

Assim como refletido por Luís Mauro de Sá Martino, devemos considerar que quando pretendemos divulgar um material em ambiente virtual, estamos sujeitos ao "aprisionamento tecnológico"³. Isto significa que a criatividade humana dedicada ao conteúdo digital e o quanto ela poderá ser colocada em prática depende diretamente do quanto este ambiente de interfaces digitais e seus softwares nos permitirão produzir.

Desta forma, a reflexão teórica apresentada ao longo do trabalho e o material produzido a partir dela auxiliará a responder às perguntas que compõem o problema de pesquisa: quais os desafios enfrentados pelos historiadores para produzir e encaixar materiais de divulgação científica nos moldes, limitações e possibilidades proporcionadas pelo ambiente digital? Quais as particularidades do uso de fontes construídas pela história oral para os propósitos de divulgação científica? Que escolhas devem ser feitas para transformar entrevistas de história oral em material de divulgação científica? Quais as vantagens e desvantagens do produto escolhido para a divulgação? Quais as diferenças entre o trabalho de produção de um acervo de entrevistas de história oral e aquele de uso do material para divulgação?

Começemos, então, a discorrer sobre os principais conceitos que compõem o problema de pesquisa deste trabalho, e que conseqüentemente refletem no caráter de seu momento empírico: história pública, história oral, história digital e divulgação científica. As relações existentes entre estes conceitos estão inevitavelmente presentes em cada momento da construção desta monografia e do material videográfico obtido a partir destas reflexões.

Embora história pública e história oral tenham se originado de forma independente uma da outra e possam ser praticadas sem que se encontrem, a linha entre as duas áreas pode ser considerada muito tênue se suas características forem comparadas. A história pública é concentrada, entre outras coisas, na transformação do conhecimento histórico de forma em que se torne acessível e abra espaço para que a história não seja debatida apenas pelos historiadores; para que o conhecimento histórico possa ultrapassar as barreiras acadêmicas e que suas reflexões passem a marcar presença no dia a dia do público que não frequenta a academia. Já a história oral é marcada pelo diálogo entre pessoas que, não necessariamente, porém muitas vezes, possuem situações sociais extremamente diferentes e níveis de escolaridade diferentes.

³ SÁ MARTINO, Luís. Teorias das mídias digitais. Linguagens, ambientes e redes. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. cap. IX, p. 250-270.

É um espaço em que o entrevistado contribui diretamente para a construção do conhecimento histórico independente de qual seja sua origem, sua profissão, se fez curso superior ou não. Ainda, é preciso atentar para o fato de que a definição de história oral é facilmente romantizada como sendo o ato de o historiador/entrevistador dar voz ao entrevistado. Defini-la deste modo é um equívoco e um retrocesso dentro da discussão que pretende desconstruir a visão dicotômica de que o historiador é o detentor da razão e do poder de dar ou tirar a voz do entrevistado. Esse erro contribui para que o entrevistado seja visto como passivo em sua própria história.

Essa questão é bem discutida por Michael Frisch em suas reflexões sobre a interpretação do termo “A shared authority”, que aparece no título de seu livro “A Shared Authority: Essays on the Craft and Meaning of Oral and Public History”:

Pedi aos leitores do *Oral History Review* que atentassem ao fato de que meu livro, na verdade, não se chamava *Sharing Authority [Compartilhando autoridade]*, e que refletissem sobre a diferença entre isso e *A Shared Authority [Uma autoridade compartilhada]*. A diferença que eu tinha em mente era essa: *Sharing Authority* sugere algo que nós é que fazemos ou deveríamos fazer - que "nós" temos a autoridade, e que nós devemos ou deveríamos dividi-la com os outros. Em oposição, *A Shared Authority* sugere algo que é; que na natureza da história oral e da história pública nós não somos a única autoridade, os únicos intérpretes, os únicos autores-historiadores. Em vez disso, o processo de interpretação e de construção de significados é, por definição, compartilhado.⁴

A intersecção entre história pública e história oral é dedutível quando se tem em vista que a preocupação central das duas áreas está depositada no trato do público-alvo, no objetivo de certificar que o conteúdo produzido está acessível e compreensível para aqueles que não são historiadores ou pesquisadores da área. Seja na elaboração de uma exposição em um espaço físico, de cards de divulgação online e até mesmo do roteiro de uma entrevista, é dever do profissional confeccionar o material de forma que o público-alvo, talvez leigo, esteja apto a compreender e contribuir a fim de que ambos construam ou ressignifiquem aquela história.

Sobre as semelhanças entre as duas áreas, a autora Linda Shopes comenta

(...) ao longo do tempo os historiadores orais e os historiadores públicos vieram a adotar muitos dos métodos e modos de pensar uns dos outros, de modo que existe um considerável enevoamento de fronteiras entre os dois. E seria despropositado, ou seria um alargamento muito grande, sugerir que a história oral - um diálogo sobre o passado entre um historiador e um membro do público, ou, talvez dizendo melhor, entre duas pessoas com tipos diferentes de conhecimento histórico - pode ser considerada um protótipo para a história pública, uma "história pública a dois"?⁵

⁴ Frisch, Michal. A história pública não é uma via de mão única, ou, De A Shared Authority à cozinha digital, e vice-versa. In: Almeida, Juniele Rabelo; Mauad, Ana Maria e Santhiago, Ricardo (Org.). História Pública no Brasil – sentidos e itinerários. São Paulo: Letra e Voz, 2016, p. 57-70.

⁵ Shopes, Linda. A evolução do relacionamento entre história oral e história pública. In: Almeida, Juniele Rabelo; Mauad, Ana Maria e Santhiago, Ricardo (Org.). História Pública no Brasil – sentidos e itinerários. São Paulo: Letra e Voz, 2016, p. 71-85.

De acordo com Shopes, um dos momentos cruciais no contexto estadunidense para a aproximação da história pública e da história oral foi quando ocorreu o despertar do interesse pela história social de minorias. Neste contexto, a história oral era uma das ferramentas para que fossem criadas fontes que possibilitariam a inserção do ponto de vista dos grupos não dominantes na história, até então, dominante. Para que estes grupos sentissem confiança em contribuir com seus testemunhos e de certa forma se identificassem com a instituição, a história pública entrava em ação sendo utilizada para formalizar e apresentar ao grupo-alvo o quanto a realização das entrevistas poderia beneficiá-lo. Nota-se, então, outra característica que une os laços das duas áreas: o engajamento social.

Adentramos, agora, no contexto das interfaces digitais nas quais o estudo e a produção de conhecimento científico e histórico vêm cada vez mais frequentemente e precisamente marcando presença. Na história oral, destaco o impacto da inserção no universo online representada na hospedagem dos acervos orais em plataformas digitais de acesso amplo. Sejam vídeos, sejam áudios, sejam transcrições ou sejam indexações, o acesso a estas fontes não necessita que o historiador precise em cada consulta se deslocar ao arquivo que as aloca. Um exemplo de acervo digital é o Laboratório de História Oral da Universidade da Região de Joinville. Nele, até o momento estão hospedadas 653 entrevistas distribuídas em 32 coleções. Com acesso gratuito, é necessário entrar em contato com a equipe e realizar a solicitação para que o arquivo de áudio e/ou transcrição sejam disponibilizados. Já a ficha técnica de cada coleção é disponibilizada diretamente no site.

No campo da história pública, um dos maiores impactos foi o surgimento da oportunidade de museus e arquivos realizarem exposições online, algo que foi de enorme utilidade no período pandêmico que vivemos em 2020 e continuamos vivendo em 2021, permitindo que estas instituições prosseguissem gerando conteúdo. Um bom exemplo é o do Arquivo Histórico de Porto Alegre Moyses Vellinho que conta o “Projeto Desarquivando - edição digital” que visa construir exposições online que remetem a algumas exposições anuais que ocorriam presencialmente antes de 2020. Uma das exposições, a fim de promover discussão acerca do novembro negro, leva o nome “Projeto Desarquivando: Escritoras Negras em Destaque - edição digital”⁶ e buscou exaltar o trabalho cultural e histórico realizado por mulheres negras em Porto Alegre, divulgando um resumo biográfico das escritoras selecionadas, imagens e trechos de suas obras.

⁶ Disponível em <<https://projetedesarquivan.wixsite.com/ahpamvexpomnd>>. Acesso em: 14 mar. 2021.

Especificamente falando de divulgação científica histórica, o ambiente digital se mostrou extremamente útil para essas práticas. As possibilidades são muito numerosas: blogs, páginas em redes sociais - Facebook, Instagram, Twitter -, acervos digitais de testemunhos orais, modelagem em 3D de acervos arqueológicos. Ao mesmo tempo que atribuo o adjetivo “útil”, não considero pertinente afirmar que o ambiente digital apresentou maior facilidade para as práticas de divulgação. Ainda que tenha trazido alguns mecanismos facilitadores, como o encanto presente em acessar fontes históricas e extensa bibliografia sem sair de casa, trouxe novos desafios e novos aprendizados necessários para que se faça bom uso do ambiente e mecanismos virtuais.

A preocupação estética na divulgação do produto implica na necessidade de se desenvolver noções de design digital ou fazer uma parceria com alguém que possua essa habilidade. Como afirma Bruno Leal, é essencial que haja preocupação estética com o material de divulgação para que capte o interesse das pessoas que o acessarem e assim aumente seu potencial de alcance⁷. O historiador envolvido em projetos de história pública que decide se aventurar no ambiente virtual possui uma nova questão a ser pensada toda vez que for produzir um material que será divulgado: além de a linguagem utilizada ser plenamente compreensível pelo público-alvo, precisa estar encaixada em uma boa apresentação visual adequada ao website ou à plataforma, ou às redes sociais em que for disponibilizada.

Como explica Bruno Leal, em entrevista concedida à Revista *Tempo e Argumento*, o conteúdo abordado em uma página que trata de história online também é um desafio: caso o responsável pela criação de conteúdo decida aumentar o engajamento e alcance da página e com isso passe a publicar apenas a demanda de seus leitores, pode acabar contribuindo para que algumas questões sociais - como transexualidade - continuem sendo invisibilizadas. Por outro lado, se o autor do conteúdo passa a apenas tratar de questões sociais de grupos não dominantes, o número de buscas que resultarão no acesso a página diminuirá bruscamente. Bruno Leal relata enfrentar estes desafios ao longo da manutenção do portal de divulgação científica Café História⁸:

Pode parecer um contrassenso do ponto de vista da comunicação, mas acredito que uma das funções de todo editor de divulgação científica é trazer à tona temas que são invisibilizados, sobretudo por causa de preconceitos ou tabus. Um exemplo: sempre que público algo sobre Segunda Guerra Mundial, o número de acessos ao Café História dispara. Por outro lado, quando público algo sobre transexualidade, os acessos despencam. Se você busca apenas a audiência, o acesso, o compartilhamento, você vai publicar apenas sobre Segunda Guerra Mundial e deixar a questão das

⁷ BENCHIMOL, Jaime et al. Divulgação científica, redes sociais e historiadores engendrando novas histórias: entrevista com Bruno Leal. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.22, n.3, jul.-set. 2015, p.1067-1079.

⁸ Disponível em: < <https://www.cafehistoria.com.br/>>.

comunidades trans para lá. Isso é um enorme problema, pois essa postura faz com que eu contribua para o silenciamento de questões históricas e sociológicas essenciais.⁹

Portanto, este trabalho foi pensado e executado em um molde que objetiva reforçar a ideia da bilateralidade da história pública em sua função de partilhamento de conhecimento. Este partilhamento de conhecimento ocorre tanto com os entrevistados pelo projeto - alimentando o reconhecimento de que a autoria das entrevistas e da produção feita a partir delas é naturalmente dialógica considerando o conjunto entrevistador-entrevistado - quanto com o público que não participou da construção da fonte e elaboração do material. É pretendido alcançar, através da divulgação dos vídeos confeccionados, este público externo à construção das fontes.

Assim, está ativa a possibilidade de o público acadêmico e não acadêmico acessar online a página com o conteúdo produzido e opinar livremente sobre o material publicado, incluindo requerer modificações. Tendo em vista que as fontes utilizadas são entrevistas feitas com alunos e seus familiares caracterizados como baixa renda, este trabalho também objetiva contribuir para o engajamento social característico da junção de história pública e de história oral.

Objetiva, também, contribuir para a amplificação do debate acerca da realidade difícil em que vivemos durante um período pandêmico. Esta realidade difícil é agravada em grupos sociais que estão vulnerabilizados devido ao menor acesso a recursos de proteção. Falarei mais sobre a vulnerabilização destes grupos no segundo capítulo, momento em que justifico a temática escolhida para cada vídeo de divulgação. Situações de risco vividas por estes grupos incluem, entre outros fatores, a impossibilidade de permanecer em isolamento social, ou viver em uma comunidade em que as medidas de proteção não sejam respeitadas pelo comércio local.

Quanto à metodologia adotada para investigar os problemas de pesquisa e atingir os objetivos deste trabalho, foi realizada a leitura de autores brasileiros e estrangeiros que são ligados à pesquisa das áreas de história oral, história pública, história digital e divulgação digital. Além disso, foi realizada análise da principal fonte do trabalho: os testemunhos orais produzidos pelo projeto *Documentando a Experiência da Covid-19 no Rio Grande do Sul*.

A partir da escuta de entrevistas selecionadas pertencentes ao projeto, foram extraídos trechos correspondentes a eixos temáticos que compõem os vídeos de divulgação do projeto *Documentando a Experiência da Covid-19 no Rio Grande do Sul*.

Para isso, o trabalho foi estruturado em dois capítulos. No primeiro, apresento alguns projetos de história pública que dialogam com o projeto *Documentando a Experiência da*

⁹ CARVALHO, Bruno Leal Pastor de. História do Tempo Presente, História Pública e a divulgação científica da história [Entrevista realizada em abril de 2020]. Revista Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 12, n. 29, e0402. jan/abr. 2020.

Covid-19 no Rio Grande do Sul por debaterem a temática da pandemia da Covid-19, e alguns por terem como objetivo o registro de relatos de grupos sociais sobre a experiência subjetiva ao longo do isolamento social e utilizarem como método a oralidade. Comento, também, sobre como foi feito o processo de hospedagem das fontes produzidas pelo *Documentando a Experiência da Covid-19 no Rio Grande do Sul* em plataformas que facilitam e permitem a construção de acervos digitais. No mesmo capítulo, falo sobre a digitalização do campo da história oral ao longo dos anos e quais foram os principais elementos inseridos na produção e no armazenamento de fontes orais.

O segundo capítulo tem, em relação à escrita, como principal diferença do primeiro a pesada carga de subjetividade. No início do segundo capítulo é discutido sobre o uso de fontes orais na elaboração de material de divulgação científica – a principal motivação na qual este trabalho se constituiu. Seguindo a leitura, o segundo capítulo apresenta o processo de tomada de decisões e fundamentos que resultaram nos vídeos elaborados para divulgação do *Documentando a Experiência da Covid-19 no Rio Grande do Sul*. São apresentados detalhes como o método utilizado para seleção das entrevistas a serem utilizadas, a escolha da temática dos vídeos, os *softwares* utilizados para a construção dos vídeos e como e onde ocorreu a divulgação do material produzido. O capítulo é encerrado com um card de divulgação e com os links de acesso das páginas de redes sociais do REPHO para que o leitor deste trabalho possa assistir aos vídeos na plataforma que preferir: *Youtube, Instagram* via IGTV e *Facebook*. Ainda, o acesso aos vídeos pode ser feito no site do REPHO.

Nas considerações finais é realizada uma discussão sobre os problemas de pesquisa e o quanto o resultado deste trabalho contribui para desvendá-los. Ainda, é realizado um balanço sobre quais possibilidades puderam ser aproveitadas e quais foram as limitações encontradas ao longo do desenvolvimento destes capítulos e do material videográfico.

1 A HISTÓRIA ORAL DIGITAL

1.1 O Mapa de História Pública sobre a Covid-19

Desde o início do período pandêmico foram organizadas numerosas iniciativas digitais no campo da história pública ao redor do mundo, vinculadas e coordenadas por laboratórios de instituições, ou realizadas de forma independente por conjuntos de historiadores. Algumas delas objetivam o registro da memória de grupos-alvo atrelados ao isolamento, outras pretendem dar continuidade ou iniciar debates acerca de questões históricas diversas. Seja qual for o seu formato, todas surgiram devido à pandemia da Covid-19, à necessidade de suspender encontros presenciais, e ao consequente isolamento social. A maioria dessas iniciativas, incluindo o projeto fonte deste trabalho, pode ser consultada através de um mapa online desenvolvido pelo IFPH em conjunto com o Made By Us.¹⁰

Considerando o contexto nacional, é o caso de projetos como História em Quarentena, criado e coordenado por seis historiadores que atuam em diferentes universidades brasileiras¹¹. Consiste em vídeos de palestras e debates entre pesquisadores convidados brasileiros e estrangeiros sobre questões históricas que variaram ao longo de vinte semanas. Estiveram presentes assuntos como “Os Indígenas na História do Brasil”, na sétima semana e “Produzir e Divulgar História em Tempos de Crise” na nona semana.

Ainda no Brasil, temos alguns projetos que dialogam com o *Documentando a Experiência da Covid-19 no Rio Grande do Sul* pois utilizaram testemunhos orais como mecanismo de produção de fontes. Um desses projetos é o Amazônia em Quarentena, vinculado ao NUHPAM do Departamento de História da Universidade Federal de Rondônia, que conta com vídeos, disponíveis no canal do Youtube do NUHPAM, de entrevistas, que giram em torno do período pandêmico, com professores e pesquisadores que atuam na Amazônia brasileira.¹²

Outro desses projetos é o Museu Diários do Isolamento (MuDI), um projeto de extensão vinculado ao Núcleo de Estudos Sobre Museus, Ciência e Sociedade (NEMuCS), do Departamento de Museologia, Conservação e Restauro, do Instituto de Ciências Humanas da UFPel.¹³ O site conta com notícias a respeito da pandemia, buscando informar e desmentir possíveis notícias falsas. Também conta com a exposição “RE(EXISTÊNCIA): Os vários lugares da Mulher na Pandemia”, que compartilha fotos, áudios e vídeos de mulheres cientistas

¹⁰Disponível em: <<https://ifph.hypotheses.org/3225>>.

Disponível em: <<https://historymadebyus.com/>>.

¹¹ Disponível em: <<https://www.historiaemquarentena.com/>>.

¹² Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCOZb1fjjIpCv7-D8TdJfP0A?view_as=subscriber>.

¹³ Disponível em: <<https://mudiufpel.com/>>.

e artistas mostrando um pouco de sua rotina durante o isolamento social. Os testemunhos orais no MuDI estão presentes no seu projeto Memórias do Isolamento. Os entrevistados são atores sociais diversificados que falam a respeito da vivência em meio a pandemia. No site estão disponíveis apenas trechos das entrevistas, e caso queira acessá-las na íntegra é necessário entrar em contato com o MuDI, via e-mail.

No contexto internacional também contamos com numerosos projetos de história pública envolvendo relatos da vivência em meio à pandemia. Um interessante exemplo é o projeto italiano “#Vita e educazione ai tempi del Covid-19”, vinculado ao Laboratório de História Pública da Educação, da Universidade de Florença, que disponibiliza um arquivo em PDF no Google Drive ensinando as pessoas a realizarem uma entrevista, disponibiliza um Google Forms de forma que a pessoa envie o link do youtube da entrevista realizada, e em outro arquivo PDF no Google Drive divulgam os links de todas as entrevistas realizadas para o projeto.¹⁴ Em 22 de novembro de 2020 já havia 416 entrevistas registradas.¹⁵

É bastante satisfatório observar o quanto o ato de fazer história vem se reinventando e se adaptando ao contexto digital e às ferramentas que este ambiente fornece. Tamanha adaptação culminou em uma produção de conteúdo riquíssima na área da história, mesmo em um cenário potencialmente limitador no qual vivemos em meio à pandemia da Covid-19.

1.2 Ferramentas da história oral digital

Observando os últimos anos podemos constatar que o avanço tecnológico se desenvolve cada vez mais rápido e atinge cada vez mais os detalhes da produção do conhecimento, tendo chegado ao ponto em que é possível executar um projeto da área das humanidades de forma parcialmente, ou até totalmente, remota e digital. Juan Andrés Bresciano comenta sobre o quanto o campo da história oral foi atingido pelo desenvolvimento tecnológico e sofreu uma expansão no modo em que seus procedimentos podem ser executados.¹⁶

O autor lista alguns dos principais aspectos da história oral que foram afetados pela expansão digital. Entre eles estão o gravador digital utilizado como suporte em entrevistas presenciais e os programas de computador capazes de processar e armazenar arquivos de áudios

¹⁴ Laboratorio Public History of Education, Università di Firenze.

¹⁵ Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/1Au3OEc6Wju1FLsYaK9Zvre-IITbFORbm/view>>. Disponível

em:<https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSeI4fUJ6rYe6wWCd8fGtTyyfsbCMNkDBXU6DS9uUwOC_z0gYA/viewform>.

Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/11cemT6L8XDICph4bKaFxHiIgm6t6r/view>>.

¹⁶ Bresciano, J. A. (2011). La Historia Oral en contextos digitales. Transformaciones recientes de un subcampo disciplinario. *História Oral*, 13(2).

e vídeos. Bresciano menciona, ainda, entrevistas em que o entrevistador e o entrevistado não estão no mesmo local geográfico geralmente não contam com o uso de gravadores digitais. Uma vez que a entrevista é feita de forma remota através de um computador com acesso à internet, os recursos embutidos neste *hardware* são os utilizados para a gravação do testemunho: microfone e/ou câmera.

Gostaria de acrescentar destaque aos celulares, recurso eficaz ainda mais recente do que os computadores. Independentes do wi-fi pois o acesso à internet pode ser feito através de dados móveis, comprar um celular e realizar a sua manutenção de funcionamento tem em geral um custo menor do que o de um computador. Alguns programas de gravação de vídeo utilizados em computadores estão também disponíveis para o uso em celulares em forma de aplicativos. Ainda temos o fato de o celular flexibilizar o local em que o entrevistado ou o entrevistador se encontram no momento da entrevista, algo que um computador de mesa não permite, tornando-o uma alternativa eficaz para a realização de uma entrevista de forma totalmente remota. No caso do *Documentando a Experiência da Covid-19 no Rio Grande do Sul*, todas as entrevistas foram feitas de forma remota, tendo sido a maioria feitas através de computadores e notebooks. Ainda assim, houve alguns entrevistados que utilizaram o telefone celular para prestarem o testemunho e que o acesso à internet foi realizado através de dados móveis.

Seja qual for o modo optado para a gravação da entrevista, é necessário ter conhecimento prévio do formato do arquivo de áudio ou vídeo gerado ao final da entrevista, caso se tenha intenção de disponibilizá-lo em alguma plataforma online, por motivos de compatibilidade. Essa preocupação esteve presente no período que antecedeu o das entrevistas do *Documentando a Experiência da Covid-19 no Rio Grande do Sul*: foram pesquisadas e testadas diversas plataformas de gravação de videoconferências, de modo que o arquivo resultante no final da entrevista seria em mp3, no caso de áudio, e mp4 no caso de vídeo.

Documentos para fins de registro gerados a partir de entrevistas ou que deram origem a elas também podem ser confeccionados digitalmente e são, na maioria dos casos, armazenados em ambiente digital. São esses: palavras-chave, fichas técnicas, indexações, transcrições e roteiro de perguntas.

O Google disponibiliza ferramentas diversas para criação de conteúdo, estando entre elas o Google Docs e o Google Forms. O primeiro consiste em um espaço de escrita semelhante ao Microsoft Word que possibilita a construção de textos, podendo ser utilizado e compartilhado entre várias pessoas para a criação do roteiro de entrevista, para a digitação da transcrição e para a elaboração da ficha técnica. O segundo se baseia em um modelo de perguntas e respostas, e pode ser utilizado também para construção de um roteiro das perguntas

a serem feitas pelo entrevistador. Também pode ser utilizado para fins de inscrição em um projeto de pesquisa, com o preenchimento de dados e relatos escritos pelo possível entrevistado. Essas ferramentas foram utilizadas pela equipe do *Documentando a Experiência da Covid-19* para a criação e reformulações do roteiro das entrevistas, para a elaboração e preenchimento da ficha técnica interna e de divulgação dos entrevistados, no caso do Docs, e para a confecção do formulário de inscrição por parte da equipe e preenchimento do mesmo pelos inscritos, no caso do Forms.

Na questão da interferência digital no processo de indexar e transcrever as entrevistas, pode-se ir por dois caminhos. O primeiro consiste em abrir o áudio ou vídeo e ir escutando e digitando. Ainda, antes disso, ou em meio a esse processo, ou depois, mapear os principais assuntos da entrevista e registrar a minutagem em que são discutidas para facilitar a pesquisa dos interessados. O segundo caminho utiliza o auxílio de plataformas e *softwares* desenvolvidos para, por exemplo, transcrever automaticamente trechos da entrevista ou mesmo ela inteira. Exemplos disso são programas como o *Transcriber* e o *OpenSpeechRecognizer*, facilitadores de transcrição.¹⁷ Por mais que o primeiro caminho seja através de recursos digitais - digitar e não escrever à mão, colocar o texto em uma tela e não em uma folha de papel - ainda há a dedicação de redigir palavra por palavra, assemelhando-se ao processo não digital. Por outro lado, o segundo caminho pode necessitar que a pessoa apenas confira se o texto está correto, uma vez que a plataforma ou *software* faria quase todo o trabalho e transcreveria automaticamente. Ganha-se tempo, mas perde-se a oportunidade de refletir com calma sobre o que está sendo transcrito. A reflexão proporcionada pelo tempo de digitação contribui para a posterior análise das fontes. Nos casos de montagem de acervos, isso é menos importante.

Ainda, há plataformas como o OHMS, em que é feito o upload de arquivos de áudio ou vídeo e que, apesar de não transcrever automaticamente a entrevista, conta com um recurso em que clicamos e é feita a marcação de tempo escolhida pela pessoa que estiver realizando a indexação. Esta foi a plataforma utilizada pela equipe do *Documentando a Experiência da Covid-19 no Rio Grande do Sul*.

Quero ressaltar que as fontes utilizadas neste trabalho são fruto de um projeto feito totalmente de forma remota, digital e online. Seu planejamento foi feito em pleno isolamento social, as primeiras reuniões, o recrutamento de bolsistas, a forma de inscrição dos interessados a concederem testemunhos, a seleção dos inscritos, as entrevistas, os documentos de identificação e indexação feitos a partir de cada entrevista e por fim seu armazenamento e a

¹⁷Disponível em: <<https://transcriber.br.uptodown.com/windows>>. Disponível em: <<https://pypi.org/project/SpeechRecognition/>>.

exposição no REPHO. Então, o *Documentando a Experiência da Covid-19 no Rio Grande do Sul* ocorre sem quaisquer encontros presenciais, encaixando-se completamente como uma iniciativa de história oral digital. Destaco ainda o uso de um grupo de WhatsApp para as combinações cotidianas da equipe envolvida.

Seguindo no tema do avanço tecnológico, Bresciano comenta sobre a digitalização em massa de registros de entrevistas e alguns obstáculos enfrentados nesse processo. Como a quantidade de arquivos era muito grande, e ainda havia, por segurança, a necessidade de que fossem criadas cópias de segurança desses arquivos, havia a preocupação logística de que houvesse espaço digital o suficiente para que fossem armazenados. Ainda assim, a digitalização das fontes orais ocasionou condições como o aumento das formas pelas quais esses arquivos podem ser acessados, expandindo a possibilidade de serem utilizados e, portanto, contribuindo para o aumento de pesquisas e trabalhos feitos na área da história oral.

Essas condições foram intensificadas, e ainda seguem nesse processo, pois o armazenamento digital dos registros antigos e de novos que são feitos incentivou a formação de repositórios online de história oral, frequentemente ligados a alguma universidade. O nível de exposição das entrevistas depende da coordenação de cada repositório online: alguns disponibilizam as entrevistas na íntegra no próprio site, outros disponibilizam dados como ficha técnica e/ou trechos das entrevistas, e para que sejam acessadas é necessário o contato via email com o repositório. No caso do REPHO, as entrevistas são disponibilizadas sem intermédio de e-mails. Como mencionado no capítulo introdutório, é necessário concordar com o termo de responsabilidade de uso que aparece ao entrar na página das entrevistas. O site e o canal do Youtube do REPHO são as páginas de exposição das entrevistas mais próximas do público em geral, porém não são o único local de armazenamento. A equipe do projeto *Documentando a Experiência da Covid-19 no Rio Grande do Sul* utiliza o Google Drive como armazenamento provisório das entrevistas, que são dispostas em pastas para cada entrevistado. Ali é reunido todo conteúdo relativo ao entrevistado: o vídeo da entrevista, a ficha técnica interna, a ficha técnica a ser divulgada, fotos ou outros arquivos que entrevistado tenha enviado à equipe, o arquivo PDF com as transcrições parciais prontas ou em processo de confecção. Ainda, todas as entrevistas são salvas no computador do Núcleo de Pesquisa em História da UFRGS (NPH). Portanto, há um local de armazenamento que não dependa de conexão com a internet para ser acessado, ainda que seja apoiado em ferramentas digitais – o computador em si.

A sucessiva inserção de mecanismos digitais e *online* que os repositórios sofreram modificou a relação que as fontes orais têm com seu público. Se antes as entrevistas ficavam restringidas ao armazenamento em arquivos físicos, é possível afirmar que o público que

acessava essas fontes também era bastante restrito. Assim, com a disponibilização online de acervos de entrevistas, um público leigo pode ter alcance das fontes com mais frequência.

Este estreitamento entre o acesso às fontes orais e o público leigo acabou despertando interesse pelo ato de pesquisar. Segundo Bresciano, esse interesse giraria em boa parte das vezes em torno de história local ou, ainda, da história de sua família, de seus ascendentes.¹⁸ O vínculo entre história oral e história local teve sua origem no final do século XIX e ocorreu devido a pesquisadores utilizarem gravadores de fita para o registro de memória individual e coletiva através da oralidade. Com o tempo as novas tecnologias possibilitaram que as pessoas, não necessariamente pesquisadores acadêmicos, produzam e armazenem registros da própria história.¹⁹

Ainda que seja importante democratizar esse acesso e que isso seja benéfico para que mais pessoas tenham conhecimento do papel do historiador na produção de fontes históricas, há desafios que precisam ser vencidos para que se faça bom uso desse alcance. Como comenta Linda Shopes (2016, p. 84): “[...] o acesso amplo aumenta exponencialmente as chances de má interpretação, intencional ou não. Não podemos impedi-la, mas podemos ajudar as pessoas bem-intencionadas a compreenderem os materiais a que lhes damos acesso.” Considero crucial que, para diminuir as chances de que essa má interpretação aconteça, o conjunto das fontes disponibilizadas seja acompanhado de explicações dos historiadores organizadores do repositório. Que sejam produzidos conteúdos, ainda que sucintos, que expliquem ao público as motivações pelas quais as fontes foram produzidas. Ou, ainda, um resumo bem elaborado pelo historiador sobre cada entrevista, o que pode captar a atenção para pontos que o público talvez não fosse se atentar. O historiador não deve se colocar na posição de detentor do conhecimento e tampouco eliminar o espaço de interpretação do público, mas deve servir como um guia para que as interpretações oriundas da análise de fontes sejam benéficas para a sociedade.

No momento em que deixamos de apenas fornecer as fontes e seus dados técnicos, e passamos a produzir algum conteúdo pensando no entendimento do público em geral em relação àquela fonte, são dados os primeiros passos em direção à divulgação daquele material.

1.3 A divulgação de fontes orais

¹⁸ Bresciano, 2011, p. 14.

¹⁹ Bresciano, J. A. (2014). La Historia Local en tiempos de internet. Nuevos cauces para una especialización disciplinaria. *Revista Tempo E Argumento*, 6(12), 05 - 22.

A partir da reflexão de Meg Foster (2014), pode-se ter uma ideia de que a internet é repleta de lugares que são receptivos e convenientes para o historiador que deseja realizar um trabalho de divulgação em meios digitais.

[...] Fóruns online, *blogs*, dispositivos portáteis, aplicativos, telefones celulares, *tablets*, redes sociais, entre outras incontáveis variedades de plataformas digitais têm facilitado um maior grau de engajamento de usuários, em que qualquer um com acesso à internet pode contribuir para a compreensão do passado. Através desses novos caminhos, reflexões sobre a história foram capazes de atravessar países, culturas e idiomas, e alcançar mais pessoas do que nunca antes. [...] (Foster, 2014, p.2, tradução nossa).²⁰

O acesso que o público leigo vem alcançando em relação a fontes históricas desperta o engajamento do mesmo em participar cada vez mais da construção da história. É algo bom pois ajuda que o conhecimento histórico, uma vez restrito à academia, seja mais acessível ao público em geral - objetivo esse que muitos trabalhos produzidos na área da história pública buscam atingir. Ainda, a autoridade sobre quem pode produzir conteúdo sobre história entra em jogo e a tradicional fronteira entre o historiador produtor de conteúdo e o público leigo como receptor deste conteúdo passa a se esvaír. Foster, assim como Shopes, também se preocupa com como o material histórico será interpretado e utilizado, e por quem, embora reconheça que o ambiente virtual possibilita a construção de uma história mais democrática.

Embora possa parecer, em uma visão pessimista, que o historiador está perdendo importância frente ao empoderamento do público no ato de fazer história, o cenário pode parecer mais otimista se for considerado que o próprio profissional da história está se reinventando. Ao mesmo tempo em que o público interage cada vez mais no fazer história devido ao recente alcance às fontes e aos acervos bibliográficos, o ambiente virtual e sua extensa gama de possibilidades para a divulgação com rigor científico também é uma novidade ainda a ser explorada pelo historiador. No momento em que tanto o historiador de formação quanto o público leigo mudam suas dinâmicas perante a produção de conhecimento, a forma que a história é construída e transmitida também muda. Em caso de divergência entre esses dois sujeitos, ocorrerá uma disputa pela autoridade - ainda assim, o contexto digital contribui para a visão de que não seja uma disputa entre o detentor de conhecimento e uma audiência passiva e leiga, mas sim uma disputa entre dois protagonistas na construção do saber histórico - e em caso de convergência haverá a construção de um discurso histórico conjunto, possivelmente mais complexo e profícuo que o anterior.

²⁰ “[...] Online forums, blogs, portable devices, apps, mobile phones, tablets, social media and the other, countless array of digital platforms have facilitated a greater degree of ‘user engagement’, where anyone with access to the web is able to contribute to understandings about the past. Through these new avenues, ideas about history have also been able to span countries, cultures and languages and reach more people than ever before. [...]”.

É cabível neste contexto a relação com o conceito abordado por Michael Fritsch sobre a autoridade compartilhada, em que tanto historiadores de formação quanto pessoas comuns são capazes de trabalhar juntos para produzir a tão ambicionada história escrita de forma democrática. Deste modo, um trabalho de divulgação que é lançado em ambiente virtual e ainda que usa como base fontes orais remete e fortalece duplamente o conceito de autoridade compartilhada.

Bresciano usa o exemplo dos *blogs* para citar algumas características do uso de páginas de comunicação informal na transmissão do conhecimento histórico. O autor apresenta exemplos que surgiram como páginas que mantinham conteúdo de cunho pessoal. Mesmo quando tratavam sobre produções científicas, por serem ambientes informais os *blogs*, mantinham uma linguagem relativamente coloquial. O autor reconhece que o ambiente informal deixa o público leigo muito mais à vontade para dialogar sobre o assunto posto em pauta, fazendo-o levantar questões e discuti-las coletivamente de forma muito mais fluida do que seria feito caso a plataforma tivesse como requisito para o debate a linguagem formal científica.

Alternativas aos *blogs*, existem as redes sociais. São plataformas diversas utilizadas diariamente no mundo todo. Sendo um ambiente virtual altamente frequentado, traz a possibilidade de vasta visibilidade e compartilhamento do conteúdo exposto. A maior parte da visibilidade está provavelmente limitada ao idioma em que o material é construído, ainda que os casos em que o conteúdo feito na língua inglesa tenha um potencial de alcance maior.

Nas redes sociais, assim como nos *blogs*, também se aplica a lógica do fomento à discussão devido ao ambiente ser informal e possibilitar que todos debatam. Os espaços digitais propõem um uso muito rico pois ao mesmo tempo que é possível divulgar conteúdo científico na forma de imagens e vídeos atrativos para o público, ainda há a possibilidade de que os recursos audiovisuais sejam acompanhados de um texto explicativo que serve para contextualizar e guiar a experiência do leitor. Esse texto pode estar inserido no próprio vídeo ou na imagem ou no corpo de descrição da postagem.

Bresciano (2011, p. 12) ao comentar sobre alguns pontos de como a metodologia da história oral foi afetada pelo desenvolvimento de tecnologias digitais, se refere à implementação de tecnologias de multimídia e ao seu poder de propiciar novas formas de comunicar conteúdos, sem depender de uma narrativa linear – como acontece com a maioria dos textos de história – através da inserção de componentes gráficos, orais e audiovisuais ao trabalhar a divulgação do conteúdo de entrevistas.

Tratando da história oral, Verena Alberti (2004, p. 22) afirma que “Uma das principais vantagens da história oral deriva justamente do fascínio do vivido. A experiência histórica do entrevistado torna o passado mais concreto, sendo, por isso, atraente na divulgação do conhecimento”. Ainda segundo a autora (2004, p. 28) “entrevistas de história oral podem ser usadas com sucesso também em exposições, programas de vídeo e em outros recursos de multimídia, como forma de apresentar experiências concretas sobre determinados acontecimentos e conjunturas.” Considerando tais colocações, é possível assumir que a divulgação de fontes orais em meio às redes online, com recursos audiovisuais estrategicamente elaborados para que chame a atenção, teria boa aceitação do público.²¹ Em 2004, quando Alberti escreveu essas frases, as possibilidades de divulgação virtual ainda eram consideravelmente limitadas se comparado a todos os caminhos disponíveis para essas atividades em 2021.

Até uma entrevista de história oral considerada rápida - de cerca de vinte minutos - pode ser cansativa para o internauta que está passeando pelo *feed* de sua rede social sem a intenção de se envolver na investigação de conteúdo científico. Para que isso não ocorra e a mesma entrevista possa ser divulgada com sucesso, podem ser feitos recortes da fonte preferencialmente de momentos em que a fala traz uma informação de impacto. Esse recorte pode ser acompanhado de um texto explicativo, ou ainda de uma fala prévia ou posterior do historiador ou do entrevistador explicando o contexto em que o recorte se encaixa.

Portanto, os repositórios digitais e online possibilitam que o público leigo conheça fontes orais produzidas por laboratórios universitários. Porém, o alcance dos sites de repositórios universitários não é tão alto, tendo em vista que ainda são buscados nos mecanismos de pesquisa online majoritariamente pelo público acadêmico. Então, embora os mecanismos digitais favoreçam o aumento da visibilidade dos testemunhos orais, nem sempre isso se torna realidade pois o público leigo não necessariamente tem o conhecimento da existência de tais repositórios.

Deste modo, os estudos do próximo capítulo buscam corrigir esta falha no alcance dos repositórios. A divulgação científica digital desempenha uma função imprescindível ao tentar popularizar o acesso aos repositórios de fontes orais. É a partir da divulgação das fontes orais que os repositórios se tornam presentes em, por exemplo, redes sociais.

²¹ ALBERTI, Verena. O lugar da história oral: o fascínio do vivido e as possibilidades de pesquisa. In: Ouvir Contar. Textos em história oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

2 CONFEÇÃO DE MATERIAL DE DIVULGAÇÃO A PARTIR DO PROJETO DOCUMENTANDO A EXPERIÊNCIA DA COVID-19 NO RIO GRANDE DO SUL

2.1 O uso de fontes orais na confecção de material para divulgação científica

Como afirmado anteriormente, este trabalho tem como objetivo principal refletir sobre a intersecção das áreas de história oral, história pública e história digital de forma que seja possível a criação de material de divulgação a ser propagado no ambiente virtual. Este objetivo dialoga com a afirmação de Anita Lucchesi em artigo que trata da relação entre a oralidade e a história pública digital:

[...] quero chamar a atenção para a possibilidade de, articulando a metodologia da história oral aos novos procedimentos de escrita da história digital, criarmos produtos de história pública capazes de chegar a grandes audiências – por seu caráter interativo, *webfriendly* e potencialmente lúdico – sem, entretanto, igualarem-se às questionáveis narrativas jornalísticas.²²

Para o presente trabalho, as fontes utilizadas são orais e foram produzidas pelo projeto *Documentando a Experiência da Covid-19 no Rio Grande do Sul*. Deste modo, o material criado procura expor essas fontes de forma que cativa o público. Procurei pensar na divulgação como uma propaganda, como uma forma de instigar os internautas a quererem entrar no site do REPHO/UFRGS e verificar as fontes na íntegra. Ao modo em que as entrevistas são um caminho encontrado para que a situação difícil enfrentada pelos entrevistados não permaneça anônima, o material de divulgação deve ser pensado para cumprir o propósito de atrair a maior quantidade possível de olhares para os problemas enfrentados no cotidiano do público-alvo do projeto.

Como trabalhar para que entrevistas de longa duração se encaixem no formato esperado da divulgação, sem delongas e com marcantes componentes visuais? É necessária a escuta atenta para que sejam encontrados pontos de intersecção entre os testemunhos, a fim de produzir um conteúdo coeso, e atenção para que os recortes feitos permaneçam transmitindo a mensagem que o entrevistado pretendeu na fala, sem distorções. Também é necessária a habilidade mecânica para que sejam construídos os materiais, algo que pode vir a ser bastante trabalhoso dependendo do conhecimento na manipulação de *softwares* de edição. Noções de design também são aliadas no momento da montagem do aspecto visual e/ou sonoro do material de divulgação, para que este cumpra com o seu objetivo de ser chamativo e cativante. Assim como diz Lucchesi:

²² LUCCHESI, A. Conversas na antessala da Academia: o presente, a oralidade e a História Pública Digital. *História Oral*, [S. l.], v. 17, n. 1, p. 59, 2014. Disponível em: <<https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/341>>. Acesso em: 28 abril. 2021.

[...] a aproximação do historiador que trabalha com história oral dos canteiros da história digital e da história pública pode, a meu ver, incentivar a criação de novos experimentos, mobilizando ferramentas e acervos digitais, bem como as linguagens “amigáveis” do ambiente digital, para chegar a outros públicos, informá-los e, em certa medida, tocá-los.²³

Considerando o formato original das fontes escolhidas para este trabalho – vídeos- e ponderando sobre os variados moldes em que elas poderiam ser trabalhadas e divulgadas – imagens e cards de divulgação, textos, vídeos, áudios ou podcasts, entre outros – destaco novamente a fala de Lucchesi

Imagino, por exemplo, as potencialidades de um projeto de história pública digital que utilizasse os acervos que comentei aqui como fonte primária, construindo uma narrativa videográfica com base neles – que poderia, por sua vez, estar interligada a diversos conteúdos da web, passíveis de interação com o público [...] (LUCCHESI, 2014, p. 60).

A autora refere-se a projetos que utilizam o método da oralidade para produção de fontes quando fala “os acervos que comentei aqui”. São eles: *Memoro: la banca della memoria*²⁴, projeto iniciado na Itália que busca registrar por áudio ou vídeo histórias de vida de pessoas nascidas antes do ano de 1950, *Herstories*²⁵, projeto desenvolvido para o registro de histórias de vida de mães que vivem no Sri Lanka, e *Museu da Pessoa*²⁶, iniciativa brasileira que busca registrar história de vida de pessoas famosas e anônimas e defende que toda narrativa é singular.

Ana Maria Mauad e Paulo Knauss afirmam no artigo *Memória em movimento: a experiência videográfica do LABHOI/UFF*:

Do ponto de vista técnico, há de se apontar que existem diferenças entre o recurso videográfico e o recurso cinematográfico na produção de um texto historiográfico de natureza visual [...] Por sua vez, enquanto no cinema uma dada imagem pode sustentar toda uma ideia, o som no vídeo, às vezes, é muito mais importante do que a imagem em si – um vínculo com a História Oral que pode ser valorizado.²⁷

Após identificarem diferenças entre os recursos videográficos e cinematográficos, afirmam que ainda assim os dois podem entrelaçar-se na produção de, como eles nomeiam, um texto historiográfico de natureza visual. Esta relação ocorreria ao passo que o material bruto – a entrevista – pode ser trabalhada e inserida em uma narrativa que corresponde a um recorte temático, a película.

Com base nas considerações acima decidi que o material a ser construído com a finalidade de divulgar o projeto *Documentando a Experiência da Covid-19 no Rio Grande do Sul* teria o formato videográfico: vídeos de até 10 minutos – para que o momento de assisti-los

²³ LUCCHESI, A. Conversas na antessala da Academia: o presente, a oralidade e a História Pública Digital. *História Oral*, [S. l.], v. 17, n. 1, p. 63, 2014. Disponível em:

<<https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/341>>. Acesso em: 28 abril. 2021.

²⁴ Disponível em: <www.memoro.org/it>. Acesso em: 04 maio. 2021.

²⁵ Disponível em: <<http://theherstoryarchive.org/>>. Acesso em: 04 maio. 2021.

²⁶ Disponível em: <<https://museudapessoa.org/>>. Acesso em: 04 maio. 2021.

²⁷ Mauad, A. M., & Knauss, P. (2012). Memória em movimento: a experiência videográfica do LABHOI/UFF. *História Oral*, 9(1), p. 148-149.

não seja cansativo ao público - contendo trechos de entrevistas. Estes trechos correspondem a eixos temáticos que foram definidos por mim, como mostrarei adiante. Os desafios seguintes foram definir quais seriam estes eixos temáticos, de modo que fossem significativos para que o vídeo venha a ser uma forte divulgação do conteúdo do projeto, e quais entrevistas seriam utilizadas para realizar estes recortes.

2.2 Escolha das entrevistas a serem utilizadas

Quero salientar que tanto o processo de escolha de entrevistas a serem utilizadas quanto o processo de escolha dos tópicos a serem abordados, ainda que contem com algum apoio bibliográfico, possuem uma pesada carga de subjetividade. Ao longo destes processos surgiram numerosas e variadas possibilidades e as escolhas de quais comporiam este trabalho foram feitas por mim, tornando subjetivas grande parte das decisões.

Também é necessário considerar que o processo de escolha das entrevistas que seriam utilizadas na confecção do material videográfico e o processo de escolha dos eixos temáticos a serem abordados nos vídeos ocorreu de forma simultânea, de modo que conforme as entrevistas eram escutadas, os possíveis tópicos dos vídeos eram assimilados e anotados. Ao fim destes processos de escuta e anotações, pude realizar um balanço do que poderia ser abordado de acordo com a totalidade dos relatos e as intersecções existentes entre eles.

O projeto Documentando a Experiência da Covid-19 no Rio Grande do Sul conta com, até o momento em que escrevo, 45 entrevistas realizadas. Para a realização da montagem dos vídeos de forma que fiquem com curta duração foi necessário estabelecer requisitos que facilitariam a filtragem das entrevistas.

Então, foram utilizadas entrevistas que ocorreram em 2020, a maioria das quais já possui indexação e transcrição disponíveis para consulta no site do REPHO. Houve e ainda haverá entrevistas realizadas em 2021, porém as deixarei de fora deste trabalho. Também, optei por escolher entrevistas realizadas com alunos da UFRGS, e não as concedidas por seus familiares. Antes mesmo de escolher os tópicos específicos dos vídeos, era pretendido por mim que estes abordassem exclusivamente a situação dos estudantes da UFRGS.

Ainda, como método de filtragem das entrevistas a serem utilizadas, foi confeccionado por mim um formulário através do recurso *Google Forms* para que fosse preenchido pelos membros da equipe participante do projeto indicando de uma a duas entrevistas que tenham considerado bastante relevantes. Em seguida, havia um espaço para que justificassem suas indicações. Felizmente obtive boa recepção da equipe e recebi dez formulários preenchidos, totalizando treze entrevistas indicadas (algumas foram indicadas mais de uma vez). Estas

entrevistas foram analisadas por mim, de modo que ao longo da escuta estive atenta aos relatos que continham descrições impactantes sobre a realidade vivida em meio a pandemia da Covid-19.

Ao final da escuta das entrevistas, verifiquei os assuntos que poderiam ser interseccionados de acordo com os relatos de impacto dos entrevistados. Depois de os tópicos dos vídeos serem estabelecidos, incrementei a escolha das entrevistas com algumas que não foram indicadas pela equipe, mas que possuíam relatos que dialogavam com os eixos escolhidos e que eu, como membro da equipe, já escutara anteriormente. Ao todo foram quatorze entrevistas utilizadas.

2.3 Escolha dos eixos temáticos dos vídeos

Os trechos das entrevistas foram selecionados com base em alguns critérios. Um deles, o primeiro a ser considerado, corresponde ao eixo temático proposto. A duração dos trechos também precisou ser levada em conta. Por exemplo, um trecho de quatro minutos pode parecer curto, mas quando inserido em um vídeo que terá no máximo dez minutos, e que precisará dividir o tempo em tela com outros relatos, torna-se longo. Outro critério que precisou ser levado em conta foi a qualidade da imagem e do áudio. Considerando que as entrevistas foram feitas à distância através de câmeras e microfones de computadores, *notebooks* e celulares, alguns trechos ficaram inaudíveis ou com a imagem congelada. Atribuí preferência para trechos que puderam ser completamente compreendidos sonoramente e com poucos travamentos de imagem.

Expresso aqui meu interesse prévio em direcionar este Trabalho de Conclusão de Curso para dar ênfase e visibilidade à população que possui escassos recursos financeiros e as numerosas dificuldades enfrentadas ao longo da vida. Considerando que o público-alvo do projeto *Documentando a Experiência da Covid-19 no Rio Grande do Sul* é composto por estudantes de baixa renda e seus familiares, uma parte da população bastante vulnerável aos riscos da Covid-19, pude trabalhar com a abordagem sobre os obstáculos vividos por alguns dos grupos vulnerabilizados pela pandemia e direcionar os vídeos para tratar de tais assuntos.

Sobre a questão da vulnerabilidade, vamos dialogar com os capítulos do livro *Os impactos sociais da Covid-19 no Brasil*, publicado recentemente pelo Observatório Covid-19 e pela Fiocruz. Selecionei os artigos que tratam sobre o quanto as pessoas que possuem uma situação socioeconômica frágil estão vulnerabilizadas no cenário da pandemia, sobre estes grupos têm a sua saúde mental prejudicada, e sobre o quanto os indígenas fazem parte dos grupos vulneráveis.

No artigo *Covid-19 e o dia em que o Brasil tirou o bloco da rua: acerca das narrativas de vulnerabilizados e grupos de risco*, Arlinda Moreno e Gustavo Matta, explicam que

Aqueles que carecem dos mecanismos de proteção social são invisibilizados e empurrados para os espaços das ausências e conformam, de fato, o principal grupo de risco da pandemia de Covid-19. [...] Eles não têm o mesmo potencial de acesso a serviços de saúde e condições de cuidado que os representantes das categorias abastadas. [...] Eles não moram, não dormem, não comem, não se deslocam e não se higienizam como os de renda familiar suficiente.²⁸

A partir da situação exposta acima foram selecionados os tópicos aos quais os vídeos serão dedicados. O primeiro eixo temático a ser abordado indispensavelmente é o das dificuldades econômicas causadas e intensificadas pela pandemia em alunos de baixa renda da UFRGS. A situação financeira não foi afetada da mesma maneira por todos os alunos entrevistados. Houve entrevistas em que os alunos relatam que não houve mudança na renda do núcleo familiar, mas foram a minoria. Na maioria das entrevistas, os relatos foram de piora da situação seja por demissão, seja por redução de salário, seja por aumento dos gastos durante a pandemia.

Para este vídeo foram selecionados os trechos das entrevistas com os alunos Almiro Sagás Evaristo, Morgan Lemes Santos, Karen Pereira da Silva e Pedro Luis Moraes Peralta, correspondendo aos critérios de seleção que mencionei anteriormente.

Em relação ao segundo vídeo, é importante destacar uma reflexão sobre saúde mental, presente no mesmo livro organizado na Fiocruz:

Grupos populacionais já vulneráveis por processos de exclusão social merecem especial cuidado por estarem expostos a múltiplos fatores de risco à sua saúde e ao seu desenvolvimento integral, o que os torna mais propensos a demandas de Smaps²⁹ durante a pandemia.³⁰

Portanto, os estudantes que são reconhecidos como de baixa renda e, logo, pertencem a grupos vulnerabilizados, estão suscetíveis também a complicações com a saúde. Não estão apenas expostos a danos à saúde física, mas também a saúde mental. Os autores também destacam que

Em linhas gerais, esses grupos populacionais tendem a se tornar mais propensos a experimentar sofrimento psíquico, uma vez que estão expostos a uma série de aspectos

²⁸ MORENO, A.B., e MATTA, G.C. Covid-19 e o dia em que o Brasil tirou o bloco da rua: acerca das narrativas de vulnerabilizados e grupos de risco. In: MATTA, G.C., REGO, S., SOUTO, E.P., e SEGATA, J., eds. *Os impactos sociais da Covid-19 no Brasil: populações vulnerabilizadas e respostas à pandemia* [online]. Rio de Janeiro: Observatório Covid 19; Editora FIOCRUZ, 2021, p. 45-46.

²⁹ Smaps significa Saúde mental e atenção psicossocial.

³⁰ SCHMIDT, B., NOAL, D.S., MELO, B.D., FREITAS, C.M., RIBEIRO, F.M.L., e PASSOS, M.F.D. Saúde mental e atenção psicossocial a grupos populacionais vulneráveis por processos de exclusão social na pandemia de Covid-19. In: MATTA, G.C., REGO, S., SOUTO, E.P., e SEGATA, J., eds. *Os impactos sociais da Covid-19 no Brasil: populações vulnerabilizadas e respostas à pandemia* [online]. Rio de Janeiro: Observatório Covid 19; Editora FIOCRUZ, 2021, p. 88-89.

que podem fragilizá-los física e emocionalmente, elevando ainda mais as chances de ocorrência de doenças não transmissíveis após a fase crítica da pandemia.³¹

Portanto, defini que o segundo vídeo trataria de questões da saúde mental. Quais os impactos psicológicos causados e intensificados pela pandemia em alunos de baixa renda da UFRGS? Esta questão é a sua premissa. Os relatos são marcantes e fica bastante exposto o quanto estes alunos estão sensíveis e fragilizados pelo cenário pandêmico. Dos entrevistados que afirmaram ter sofrido impactos psicológicos, a maioria das ocorrências está ligada a quadros de ansiedade. Tanto picos de síndrome do pânico quanto a presença do transtorno de ansiedade generalizada estiveram presentes nos relatos das entrevistas. Para este vídeo, foram utilizados os trechos das entrevistas com os estudantes Valléria Amaro de Oliveira, Gabriel de Souza, Graciela Santos Dornelles Corrêa e Willian Bauer Baum.

Considerando que a situação econômica ou psicológica do estudante e de seu núcleo familiar esteja negativamente afetada pela pandemia – ou ainda os casos em que as duas situações estejam fragilizadas – é pertinente investigar o quanto este cenário afeta o seu desempenho nos estudos. Então, o terceiro vídeo traz o tema sobre como os estudantes de baixa renda da UFRGS estão lidando, durante a pandemia, com leituras e estudos – não apenas os estudos ligados à universidade, mas também considerando o autodidatismo e a leitura casual. Os trechos selecionados para o terceiro vídeo foram de entrevistas com os alunos Almiro Sagás Evaristo, Meise Birk, Aline Tavares Bastos e Laryssa Flores Fontoura.

Para os dois últimos vídeos – o quarto e o quinto – escolhemos tratar de situações mais específicas.

O projeto *Documentando a Experiência da Covid-19 no Rio Grande do Sul* realizou uma entrevista com um aluno estrangeiro, Cam-Naté Augusto Bissindé, nascido em Guiné-Bissau. Considerando que ele é, assim como os outros entrevistados, um aluno de baixa renda da UFRGS e ainda tem o agravante de estar afastado de sua família em um continente diferente, considerei pertinente dedicar um vídeo para mostrar alguns trechos de seus relatos contando a experiência de sua situação em meio a uma pandemia. Portanto, a premissa do quarto vídeo é a de vermos trechos de como é ser um aluno estrangeiro em meio à pandemia da Covid-19.

Foram entrevistados pelo projeto *Documentando a Experiência da Covid-19 no Rio Grande do Sul* dois alunos indígenas estudantes da UFRGS. Conforme o artigo *Pandemia de Covid-19 e os povos indígenas no Brasil: cenários sociopolíticos e epidemiológicos* do livro *Os impactos sociais da Covid-19 no Brasil*, é importante considerar que

³¹ Ibidem.

Na progressão da pandemia de Covid-19 no Brasil, seus impactos têm sido bastante desiguais entre segmentos populacionais, especialmente para aqueles em extrema vulnerabilidade socioeconômica. Particularmente alarmante tem sido a situação dos povos indígenas [...].³²

No mesmo estudo, está indicado que

A dinâmica de transmissão da Covid-19 em território nacional ao longo dos meses resultou em acelerado incremento da proporção da população indígena em situação de alto risco imediato para epidemia, tanto em zonas urbanas quanto em zonas rurais.³³

Desta forma, o quinto vídeo é dedicado a expor trechos dos relatos de Marcos Kaingang e Laércio Gomes Mariano, da etnia Guarani sobre o impacto sofrido devido à Covid-19 e ao isolamento social em seu cotidiano e na vida coletiva vivida nas aldeias enquanto alunos da UFRGS.

2.4 A edição dos vídeos

A etapa de edição pode ser um dos processos mais conflituosos da elaboração de material de divulgação. São muitos detalhes a serem considerados, desde o recorte do trecho no *frame* correto até a montagem do todo e adição de trilha sonora. Selecionar o *software* que possua as funções adequadas pode ser um grande obstáculo para quem está iniciando a desenvoltura da habilidade de edição.

Iniciei o processo de aprendizado em edição em 2020, devido à minha bolsa de popularização da ciência em que precisei confeccionar um vídeo *clipping* do projeto *Documentando a Experiência da Covid-19 no Rio Grande do Sul*. Confesso que a condição para o desenvolvimento do vídeo *clipping* era consideravelmente mais precária, tanto porque eu recém havia feito minhas primeiras edições, quanto porque precisei utilizar o microfone do meu *notebook* que possui a qualidade baixa.

No caso dos vídeos de divulgação para este trabalho, não é necessário inserir sons gravados com meu microfone. Portanto a qualidade dos vídeos está atrelada aos *frames* dos recortes e detalhes de transição entre imagens. A transição entre imagens ou vídeos deve ser o menos brusca o possível, sendo preferível que seja criado um degradê de transição, ainda que sutil.

Felizmente eu já havia iniciado o aprendizado em 2020 em como manipular *softwares* simples de edição. Realizei um curso de extensão online e gratuito oferecido pelo Instituto

³² PONTES, A.L.M., CARDOSO, A.M., BASTOS, L.S., e SANTOS, R.V. Pandemia de Covid-19 e os povos indígenas no Brasil: cenários sociopolíticos e epidemiológicos. In: MATTA, G.C., REGO, S., SOUTO, E.P., e SEGATA, J., eds. *Os impactos sociais da Covid-19 no Brasil: populações vulnerabilizadas e respostas à pandemia* [online]. Rio de Janeiro: Observatório Covid 19; Editora FIOCRUZ, 2021, p. 123.

³³ *Ibidem*, p. 124.

Federal do Rio Grande do Sul chamado “Produção de Vídeos usando *OBS Studio* e *Kdenlive*”. O *OBS Studio* é um *software* que permite gravação da tela computador e da voz caso haja microfone, entre outros recursos, e o *Kdenlive* é um *software* que permite a edição de vídeos, permitindo junção de vídeos com outros vídeos ou com imagens. Ainda permite que seja mantido o áudio original ou que seja adicionado outro áudio aos trechos desejados do vídeo a ser criado, entre outras funções. Ambos os *softwares* são de código livre, ou seja, não são pagos e nem requerem que seja inserido seu logotipo no vídeo. Para este trabalho, utilizei apenas o *Kdenlive* pois estive lidando com vídeos pré-existentes que precisavam apenas serem recortados e realocados. Há outros *softwares* de código livre que desempenham funções semelhantes aos do *Kdenlive*, como por exemplo o *Shotcut*, que também poderia ter sido utilizado para edição neste trabalho.

Quanto à trilha sonora, utilizei o site *Incompetech* para escolher a música de abertura e de encerramento dos vídeos³⁴. É um site criado por Kevin McLeod que disponibiliza músicas para uso livre, desde que sejam atribuídos os créditos ao compositor. O site também disponibiliza a opção de compra da licença da música, de modo que não se torna mais necessária a atribuição de créditos ao compositor. Para este trabalho, utilizei a licença gratuita, e, portanto, no fim de cada vídeo constam os créditos ao site de origem e compositor da música.

A estrutura dos cinco vídeos segue o mesmo padrão. A abertura onde constam os logotipos do projeto *Documentando a Experiência da Covid-19 no Rio Grande do Sul*, do REPHO, da UFRGS, do NPH/UFRGS e das instituições parceiras é a mesma que foi utilizada para a divulgação dos vídeos completos no canal do Youtube do projeto com o REPHO.³⁵ Logo depois nos deparamos com o título do vídeo, que expõe o tema a ser tratado, e então seguimos para os trechos dos relatos. Antes do relato de cada entrevistado aparece uma página contendo as informações: o seu nome, qual o seu curso na UFRGS, data da entrevista, nome dos entrevistadores, e o local onde o entrevistado estava no momento do depoimento. No encerramento, que é igual para os cinco vídeos, aparecem algumas telas contendo as informações: os links onde estão disponíveis as entrevistas completas – canal do Youtube e site do REPHO –, na próxima tela aparecem os créditos de elaboração do roteiro do vídeo e da edição – que no caso são meus –, o ano de confecção do vídeo – 2021 – e, por fim, os créditos referentes à trilha sonora utilizada nos vídeos.

2.5 A divulgação dos vídeos

³⁴ Disponível em: <<https://incompetech.com/>>.

³⁵ Disponível em: <<https://www.youtube.com/channel/UCvOZwPuyCi10IHZHOGOf7QA>>.

No início do desenvolvimento da ideia deste Trabalho de Conclusão de Curso a intenção era a de fazer um balanço entre vantagens e desvantagens do uso de algumas redes sociais para a divulgação. Após o balanço, eu escolheria entre *Instagram*, *Youtube* e *Facebook* para criar uma conta específica do *Documentando a Experiência da Covid-19 no Rio Grande do Sul* e realizar a postagem dos vídeos que impulsionariam a divulgação do projeto.

Figura 1 – Card de divulgação

Divulgação do projeto Documentando a Experiência da Covid-19 no Rio Grande do Sul

Vídeos Temáticos

Esta divulgação consiste em cinco vídeos de compilados de trechos de algumas entrevistas do projeto para divulgação. Os vídeos abordam alguns impactos sofridos pelos alunos de baixa renda que se inscreveram para serem entrevistados pelo projeto.

Dificuldades econômicas causadas pela pandemia da Covid-19 aos alunos de baixa renda da UFRGS

Vídeo aborda os impactos econômicos sofridos por alunos de baixa renda que concederam entrevistas para o projeto.

Impactos psicológicos da-Covid 19 em alunos de baixa renda da UFRGS

Vídeo aborda o início ou agravamento de ansiedade e depressão em alunos de baixa renda da UFRGS que concederam entrevistas para o projeto.

Os obstáculos enfrentados por alunos de baixa renda da UFRGS para manter leitura e estudo na pandemia de Covid 19

Vídeo aborda as dificuldades enfrentadas por alunos de baixa renda da UFRGS para manter hábitos de leitura e de estudo durante a pandemia da Covid-19.

Como é ser um estudante estrangeiro na UFRGS em meio a pandemia de Covid 19?

Vídeo aborda situações vividas por aluno estrangeiro do curso de Relações Internacionais em meio a pandemia da Covid-19 no Brasil.

Como a pandemia da Covid 19 afetou a vida de estudantes indígenas da UFRGS?

Vídeo aborda a situação em meio a pandemia da Covid-19 de dois alunos indígenas estudantes da UFRGS.

REPHO UFRGS NPH

Card de divulgação criado por Matheus da Silva Wölhelzer em maio de 2021

Fonte: compilação do autor.³⁶

Considerando que independente da rede escolhida, o material publicado seria o mesmo pois todas elas possibilitam a postagem de vídeos, cheguei à conclusão de que não precisaria limitar a postagem em apenas uma rede. Essa limitação poderia diminuir o alcance dos vídeos, tendo em vista que estariam disponíveis em apenas uma plataforma *online*.

Conforme a ideia foi amadurecendo conversei sobre a postagem dos vídeos com a minha orientadora prof^a Carla Simone Rodeghero, que também é coordenadora do REPHO, e foi decidido que seria mais profícuo utilizar as redes já existentes do Repositório para impulsionar a divulgação.

³⁶ Card elaborado a partir da montagem de *prints* de um *frame* de cada vídeo, acompanhado de frase explicativa resumindo o conteúdo do vídeo.

Deste modo, os vídeos foram publicados no site, canal do *Youtube*, *Instagram* e *Facebook* do REPHO. No caso do Instagram, os vídeos foram publicados utilizando o recurso do IGTV, pois os que são publicados diretamente no feed do usuário são limitados a 60 segundos.³⁷ Ainda assim, uma prévia do vídeo pode ser exibida no *feed* do perfil que o publicou, limitada aos 60 segundos iniciais.

Após a publicação dos vídeos, ainda foi postado um card de divulgação feito por mim, convidando todos a assistirem aos vídeos (Figura 1). O card foi feito utilizando o *software* gratuito *PhotoFiltre*, que disponibiliza recursos variados para edição de imagens.

Convido o leitor deste trabalho a visitar as páginas onde os vídeos estão publicados. No site do REPHO foi postado o card de divulgação em formato PDF, de modo que pude inserir hiperlinks para que a partir do card a pessoa possa clicar e ter acesso aos vídeos no Youtube. Segue o link da publicação no site do REPHO:

< <https://www.ufrgs.br/repho/noticias/como-a-pandemia-afetou-estudantes-de-baixa-renda-da-ufrgs/>>

Os vídeos foram disponibilizados no canal do *Youtube* do REPHO, no *Instagram* do REPHO através do IGTV, e no *Facebook* do REPHO. Seguem os links:

< <https://www.youtube.com/channel/UCvOZwPuyCi10IHZHOGOf7QA>>

< <https://www.instagram.com/rephoufrgs/>>

< <https://www.facebook.com/rephoufrgs>>

Neste capítulo foi detalhado o processo de confecção dos vídeos de divulgação. Foi discutido sobre quais obstáculos foram enfrentados no manuseio das fontes orais para elaboração de um material que as divulgue de maneira sensível e coesa com o conteúdo abordado nos vídeos completos. Foi abordado neste capítulo o processo de seleção das entrevistas e o método e critérios utilizados, a escolha dos eixos temáticos, a etapa de edição dos vídeos, e o direcionamento da publicação.

³⁷ O IGTV é um recurso do Instagram que permite a publicação de vídeos mais longos do que os postados diretamente no *feed*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ponderando sobre os problemas de pesquisa apresentados na proposta deste trabalho, reafirmo que um dos maiores desafios enfrentados por historiadores para produzir materiais de divulgação científica e encaixá-lo nos moldes do ambiente digital é lidar com algo que não se costuma aprender ao longo do estudo em história: a manipulação das plataformas digitais e dos softwares necessários para que o material seja confeccionado. Foi a maior dificuldade que eu encontrei ao longo deste trabalho, considerando tanto a dificuldade no manuseio dos softwares quanto do tempo despendido para aprender e executar as edições necessárias.

Considerando as limitações que o ambiente digital poderia ter me oferecido, foram poucas. Considero a tecnologia avançada o bastante ao ponto de oferecer ferramentas muito variadas para que possamos criar um material criativo e diversificado. No caso deste trabalho, a divulgação foi realizada tanto em um site quanto em redes sociais – todos do REPHO. Ainda que cada rede social tenha seu próprio nicho e público-alvo, não precisei realizar alterações no produto para que se encaixasse em redes sociais diferentes; todas possibilitaram a postagem de vídeos com título e descrições do conteúdo. Caso fosse feito o estudo dos públicos de cada rede social, o material poderia ter sido confeccionado em variados formatos – vídeos de até um minuto, caso não fosse pretendida a utilização do IGTV pelo Instagram, por exemplo.

Como mencionado ao longo do texto, a confecção de material para divulgação tem carga subjetiva bastante presente. Os formatos que este material pode assumir são numerosos e há muitas possibilidades de divulgação partindo das mesmas entrevistas utilizadas como fontes neste trabalho. Desde a primeira escuta, passando pela escolha dos temas e dos trechos a serem utilizados, o recorte feito nas fontes e a construção dos vídeos caracterizam uma forma de escrita audiovisual a partir de testemunhos audiovisuais.

Cada etapa deste trabalho possuiu uma peculiaridade, um desafio específico a ser enfrentado através de ponderações sobre todas as possibilidades apresentadas. O descarte de algumas possibilidades para que outras sejam aproveitadas é uma parte difícil neste processo. Existiam outras maneiras de realizar este trabalho? Sim. Existiam outros temas a serem abordados, igualmente importantes. Existiam outros *softwares* que poderiam ser utilizados, outras músicas encaixadas como trilha sonora. São nesses caminhos tomados que a subjetividade da autora atua de forma decisiva para moldar o material resultante. A escrita audiovisual construída é resultado do exercício de interpretação das fontes feito por mim.

Considerando a grande quantidade de entrevistas já feitas, e que vêm sendo feitas, pelo projeto *Documentando a Experiência da Covid-19 no Rio Grande do Sul* e a riqueza de informações que podem ser coletadas dos testemunhos, afirmo que a possibilidade de criação

de mais materiais de divulgação é expressiva. Ainda que seja utilizado o mesmo molde dos vídeos criados neste trabalho, há muitos temas que podem ser abordados em novos vídeos. Expectativas em relação à vacina, situação da vizinhança em bairros de periferia em que os alunos de baixa renda vivem, os auxílios recebidos para que o período pandêmico pudesse ser enfrentado e motivações para que alunos de baixa renda decidam conceder entrevista sobre situações frágeis são alguns dos temas que ainda podem ser utilizados para a construção de novos vídeos de divulgação deste projeto.

Além das publicações no site e redes sociais do REPHO, os vídeos foram divulgados diretamente para os estudantes cujos trechos das entrevistas foram utilizados. O *feedback* recebido destes alunos foi bastante positivo, o que considero bastante motivador para que a confecção de vídeos de divulgação dos testemunhos do projeto não seja encerrada neste trabalho.

Espero que o conteúdo e resultados obtidos por este trabalho possam auxiliar futuros pesquisadores que tenham a intenção de confeccionar materiais videográficos para fins de divulgação. Este trabalho apresentou reflexões, principalmente ao longo do segundo capítulo, que podem auxiliar ainda o pesquisador que não pretende confeccionar material videográfico, mas que busca por métodos de como selecionar eixos temáticos para tratar de assuntos sensíveis, tópicos que abordem pessoas em grupos vulnerabilizados. Ainda, que este trabalho consiga auxiliar pesquisadores de outras áreas além da História que pretendam analisar fontes orais e interpretá-las.

Por fim, espero que este trabalho contribua para o aumento do alcance de visibilidade das entrevistas do projeto *Documentando a Experiência da Covid-19 no Rio Grande do Sul*. Espero que contribua para o aumento da visibilidade das situações precárias enfrentadas por grupos vulnerabilizados. Ainda, que contribua de alguma forma para que, mesmo que de pouco em pouco, o debate acerca destes grupos fragilizados seja convertido em mudanças efetivas deste cenário de vulnerabilização.

FONTES

BASTOS, Aline Tavares. **[Entrevista sobre a experiência em meio a pandemia da Covid-19]**. Entrevistadores: C. Silveira e M. P. Perondi. Porto Alegre, 2020. (53min51s).

BAUM, Wilian Bauer. **[Entrevista sobre a experiência em meio a pandemia da Covid-19]**. Entrevistadores: N. P. Araujo e A. H. Reis. Cachoeirinha, 2020. (1h17min56s).

BIRK, Meise. **[Entrevista sobre a experiência em meio a pandemia da Covid-19]**. Entrevistadores: J. C. Silva e R. C. L. Xavier. Canoas, 2020. (1h11min55s).

BISSINDÉ, Cam-Naté Augusto. **[Entrevista sobre a experiência em meio a pandemia da Covid-19]**. Entrevistadores: M. S. Widholzer e J. A. Zorzi. Porto Alegre, 2020. (53min17s).

CORRÊA, Graciela Santos Dornelles. **[Entrevista sobre a experiência em meio a pandemia da Covid-19]**. Entrevistadores: M. S. Widholzer e E. S. Cotta. Porto Alegre, 2020. (50min16s).

EVARISTO, Almiro Sagás. **[Entrevista sobre a experiência em meio a pandemia da Covid-19]**. Entrevistadores: C. S. Rodeghero e M. L. Santos. Governador Celso Ramos, 2021. (1h13min45s).

FONTOURA, Laryssa Flores. **[Entrevista sobre a experiência em meio a pandemia da Covid-19]**. Entrevistadores: N. P. Araujo e C. M. Costa. Porto Alegre, 2020. (1h52min50s).

KAINGANG, Marcos. **[Entrevista sobre a experiência em meio a pandemia da Covid-19]**. Entrevistadores: C. S. Rodeghero e M. P. Perondi. Porto Alegre, 2020. (1h13min44s).

MARIANO, Laércio Gomes. **[Entrevista sobre a experiência em meio a pandemia da Covid-19]**. Entrevistadores: E. B. Silva e M. P. Perondi. Imaruí, 2020. (54min54s).

OLIVEIRA, Valléria Amaro de. **[Entrevista sobre a experiência em meio a pandemia da Covid-19]**. Entrevistadores: M. S. Widholzer e M. P. Perondi. Porto Alegre, 2020. (45min21s).

PERALTA, Pedro Luis Moraes. **[Entrevista sobre a experiência em meio a pandemia da Covid-19]**. Entrevistadores: N. P. Araujo e A. H. Reis. Porto Alegre, 2020. (1h03min15s).

SANTOS, Morgan Lemes. **[Entrevista sobre a experiência em meio a pandemia da Covid-19]**. Entrevistadores: C. S. Rodeghero e R. F. C. Scarpini., 2020. (1h03min49s).

SILVA, Karen Pereira da. **[Entrevista sobre a experiência em meio a pandemia da Covid-19]**. Entrevistadores: E. S. Cotta. e R. F. C. Scarpini. Alvorada, 2020. (1h13min24s).

SOUZA, Gabriel de. **[Entrevista sobre a experiência em meio a pandemia da Covid-19]**. Entrevistadores: E. S. Cotta e N. V. Noronha. Caxias do Sul, 2020. (1h31min16s).

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. **O lugar da história oral: o fascínio do vivido e as possibilidades de pesquisa.** In: Ouvir Contar. Textos em história oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

BENCHIMOL, Jaime et al. **Divulgação científica, redes sociais e historiadores engendrando novas histórias: entrevista com Bruno Leal.** História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.22, n.3, jul.-set. 2015, p.1067-1079.

BRESCIANO, J. A. (2011). **La Historia Oral en contextos digitales. Transformaciones recientes de un subcampo disciplinario.** *Historia Oral*, 13(2).

BRESCIANO, J. A. (2014). **La Historia Local en tiempos de internet. Nuevos cauces para una especialización disciplinaria.** *Revista Tempo E Argumento*, 6(12), 05 - 22.

CARVALHO, Bruno Leal Pastor de. **História do Tempo Presente, História Pública e a divulgação científica da história [Entrevista realizada em abril de 2020].** Revista Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 12, n. 29, e0402. jan/abr. 2020.

FOSTER, Meg. **Online and Plugged in?: Public History and Historians in the digital age.** In: Public History Review, v. 21, p. 1-19, 2014.

FRISCH, Michal. **A história pública não é uma via de mão única, ou, De A Shared Authority à cozinha digital, e vice-versa.** In: Almeida, Juniele Rabelo; Mauad, Ana Maria e Santhiago, Ricardo (Org.). História Pública no Brasil – sentidos e itinerários. São Paulo: Letra e Voz, 2016, p. 57-70.

LUCCHESI, A. **Conversas na antessala da Academia: o presente, a oralidade e a História Pública Digital.** História Oral, [S. l.], v. 17, n. 1, p. 59, 2014. Disponível em: <<https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/341>>. Acesso em: 28 abril. 2021.

MAUAD, A. M., & Knauss, P. (2012). **Memória em movimento: a experiência videográfica do LABHOI/UFF.** *Historia Oral*, 9(1).

MORENO, A.B., e MATTA, G.C. **Covid-19 e o dia em que o Brasil tirou o bloco da rua: acerca das narrativas de vulnerabilizados e grupos de risco.** In: MATTA, G.C., REGO, S., SOUTO, E.P., e SEGATA, J., eds. *Os impactos sociais da Covid-19 no Brasil: populações vulnerabilizadas e respostas à pandemia* [online]. Rio de Janeiro: Observatório Covid 19; Editora FIOCRUZ, 2021.

PONTES, A.L.M., CARDOSO, A.M., BASTOS, L.S., e SANTOS, R.V. **Pandemia de Covid-19 e os povos indígenas no Brasil: cenários sociopolíticos e epidemiológicos**. In: MATTA, G.C., REGO, S., SOUTO, E.P., e SEGATA, J., eds. *Os impactos sociais da Covid-19 no Brasil: populações vulnerabilizadas e respostas à pandemia* [online]. Rio de Janeiro: Observatório Covid 19; Editora FIOCRUZ, 2021.

SÁ MARTINO, Luís. **Teorias das mídias digitais. Linguagens, ambientes e redes**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. cap. IX, p. 250-270.

SCHMIDT, B., NOAL, D.S., MELO, B.D., FREITAS, C.M., RIBEIRO, F.M.L., e PASSOS, M.F.D. **Saúde mental e atenção psicossocial a grupos populacionais vulneráveis por processos de exclusão social na pandemia de Covid-19**. In: MATTA, G.C., REGO, S., SOUTO, E.P., e SEGATA, J., eds. *Os impactos sociais da Covid-19 no Brasil: populações vulnerabilizadas e respostas à pandemia* [online]. Rio de Janeiro: Observatório Covid 19; Editora FIOCRUZ, 2021.

SHOPES, Linda. **A evolução do relacionamento entre história oral e história pública**. In: Almeida, Juniele Rabelo; Mauad, Ana Maria e Santhiago, Ricardo (Org.). *História Pública no Brasil – sentidos e itinerários*. São Paulo: Letra e Voz, 2016, p. 71-85.